



AFETIVIDADE, SENTIDO E SIGNIFICADO NA ATIVIDADE PEDAGÓGICA

Autora: Ana Gabriella Dias Reis
Orientador: Dorivaldo Alves Salustiano

Universidade Federal de Campina Grande.
ana.gabriella.reis@gmail.com

Resumo: Este texto discute a influência da afetividade e da motivação na atividade pedagógica partindo do pressuposto de que os afetos estão presentes no processo de construção de sentidos, fator primordial para que os alunos estabeleçam vínculos com atividades que propiciem a construção dos significados do currículo escolar. Objetiva analisar a importância do processo de vinculação do aluno à atividade pedagógica, evidenciando as conexões entre afeto, sentido e significado, mediante a apresentação e discussão destes conceitos. O artigo se fundamenta em estudos sobre a concepção leontieva de atividade e sobre o papel da afetividade para a aprendizagem. Conclui que o planejamento de atividades de ensino fundamentado nas relações entre afetos, sentidos e significados é de fundamental importância para o engajamento do aluno em atividades de aprendizagem que objetivam a apropriação dos conteúdos curriculares.

Palavras-chave: afetividade, sentido/significado, atividade pedagógica.

Introdução

A afetividade, como tema de estudo, tem grande relevância por contribuir para o entendimento de questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo do ser humano. Sendo assim, a mesma mantém uma relação direta com a aprendizagem. Hoje, o tema está em discussão nos planejamentos e propostas das instituições de ensino, possibilitando uma nova leitura dos fatores que influenciam a aprendizagem. Ela direciona e dá sentido à prática pedagógica em uma nova forma de pensar o afeto e a aprendizagem, não sendo mais possível analisar ou vivenciar esses conceitos isoladamente. Alguns autores como Gobeti e Tavares (2010), Tassoni (2000), e Pinto (2008), discutem esse novo olhar, onde a afetividade é entendida em suas diferentes faces como um fator primordial na aprendizagem.

Partindo desses pressupostos a discussão que propomos nesse artigo se torna relevante porque tenta desconstruir a noção reducionista do conceito de afetividade e ajuda a mostrar como as experiências sociais e psicológicas se trazem o afeto consigo influenciando no processo de ensino-aprendizagem que se desenvolve na atividade pedagógica.

O objetivo deste artigo consiste em discutir a influência da afetividade nas atividades desenvolvidas em sala de aula pelo professor. Buscando satisfazer esse objetivo esclarecemos o conceito de afetividade, tentando desfazer a ideia de que afetividade e carinho são sinônimos



e discutir o conceito de atividade pedagógica para que possamos estabelecer a relação entre os dois conceitos. O artigo está organizado em três seções que tentam no seu desenrolar relacionar como a afetividade influencia a atividade pedagógica. A primeira seção discute o conceito de afetividade que é adotado no texto, o que compõe a afetividade, e como as relações de afetividade se apresentam no início da vida e se estendem para a relação professor/aluno. Em seguida, na segunda seção, discutimos a atividade pedagógica como atividade transformadora das relações para que, finalmente, na última seção, façamos a discussão de como a afetividade influencia a atividade pedagógica.

O texto foi escrito baseado em leituras das obras de alguns autores como Charlot (2000), Bernardes (2012) e Filho (2015). Além disso, algumas experiências vividas durante o estágio curricular supervisionado em anos iniciais do ensino fundamental - disciplina do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande que buscou unir teoria e prática- e no exercício da profissão permitiram confirmar que os afetos influenciam o processo de ensino e aprendizagem que acontece na atividade pedagógica. Notamos que os alunos se sentem motivados, e, conseqüentemente, aprendem estando em um ambiente acolhedor e afetivo que seja capaz de compreender suas necessidades de afeto e saiba conduzi-las de forma significativa para seu desenvolvimento. Nesse sentido, o aluno precisa ser olhado como ser capaz de realizar suas atividades e de experimentar o sucesso, de construir relações harmoniosas no processo de ensino-aprendizagem, cabendo ao professor organizar um ambiente favorável a essas situações com atividades planejadas e interessantes. É importante também para a prática do professor, pois serve como suporte para compreensão dos comportamentos apresentados pelos alunos em sala de aula.

Neste estudo a afetividade é abordada a partir da perspectiva pedagógica, tendo em vista a relação educativa que se estabelece entre professor e aluno em sala de aula.

1. A afetividade como subjetividade

O conceito de afetividade tem sido discutido e compreendido de diferentes formas por diversos autores. Para Tassoni (2000) a afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ser ou não modificado a partir das situações. Segundo Piaget (apud Tassoni, 2000) tal estado psicológico é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Para Toro (2006), a afetividade é um estado profundo de afinidade entre as pessoas e dela brotam sentimentos nutridos pela afetividade que permite a nossa identificação com as outras pessoas.

A perspectiva que adotamos para a escrita deste artigo compreende a afetividade como algo subjetivo, porque concebe cada sujeito como ser único que reage e internaliza cada experiência de forma única. Portanto,

“os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo” (TASSONI, Apud, 2000, p. 130-131)

A afetividade pode ser entendida, então, como um conjunto de acontecimentos que marcam o sujeito durante sua trajetória, seja ela familiar, escolar, social. Esses acontecimentos são envolvidos por emoções e sentimentos que juntos constroem a afetividade. As emoções, apesar de intensas são passageiras, apresentam um alto grau de prazer ou desprazer. O ódio, o medo, a raiva, a alegria, a tristeza, são sentimentos, que são mais estáveis e permanecem. Seriam as emoções de ordem biológica e os sentimentos de ordem psicológica que resultariam mais tarde na afetividade, quando surgem os elementos simbólicos. É com o surgimento destes que, segundo Wallon, as emoções são transformadas em sentimentos.

As relações de afetividade têm início muito cedo na vida do ser humano, elas têm a capacidade de alterar o estado de ânimo e de dar vida à motivação. É por este olhar que vinculamos a afetividade à atividade pedagógica. Sabemos que a criança, como qualquer ser humano, só aprende aquilo que se permite aprender. E para isto, ela precisa atribuir significado, sentir prazer pela atividade. Portanto, “é a partir de um intenso processo de interação com o meio social, *através da mediação feita pelo outro*, que se dá a apropriação dos objetos culturais. É através dessa mediação que o objeto de conhecimento ganha significado e sentido”. (Tassoni, grifo nosso). Ou seja, o que vai ou não agregar um sentido afetivo à experiência que está sendo vivida é a qualidade da interação, neste caso específico, a qualidade da interação pedagógica.

É importante lembrar que a afetividade é formada também por sentimentos como a raiva e a tristeza, que podem ser ocasionadas quando existe uma divergência entre os objetivos do sujeito que ensina e do sujeito que aprende.



O que determinaria como essa experiência iria afetar o sujeito seria a mediação do professor na atividade pedagógica. “Os motivos sociais cristalizados na função social dos instrumentos, bem como as ações características, podem coexistir com motivos pessoais discordantes”. (Filho, 2015). Para que haja essa sincronia não é necessário, e nem ideal, que o aluno anule sua personalidade. O que professores e alunos precisam entender é que os sentidos e os significados devem convergir para a efetivação da vida social. Entendido isto, o aluno passa do significado para o sentido, condição primordial para que se estabeleça a motivação do sujeito com a atividade pedagógica.

Percebemos então que o ensino e a aprendizagem que se desenvolvem na atividade pedagógica são o tempo todo permeados por processos cognitivos e afetivos. O vínculo afetivo que tem início na relação do bebê com sua família nos seus primeiros meses/anos de vida é estendido, posteriormente, para a relação professor/aluno. É nessa fase da vida que a relação de ensino-aprendizagem tem início e é permeada de afetividade porque é através de uma comunicação emocional que o bebê consegue que o adulto atenda suas necessidades. Tem a função de comunicação nos primeiros anos de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo. Através desta interação com o meio humano, a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação, onde a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade. Na relação professor/aluno estabelece-se um vínculo porque não aprendemos com qualquer pessoa, aprendemos com quem autorizamos a nos ensinar, em quem confiamos. A educação é impossível se a criança não colaborar e não investir no processo, porque toda educação pressupõe o desejo e esse desejo só aparece se existir uma força de atração. “O outro e o mundo são humanos e, portanto, desejáveis” (Charlot, 2000, p. 54). Assim, as experiências com o outro vão dar um sentido afetivo à trajetória de cada sujeito.

O conceito de afetividade discutido até aqui será relacionado, nas próximas seções, ao conceito de atividade pedagógica. Para tal discussão, consideramos importante apresentarmos a atividade pedagógica, a partir da perspectiva do materialismo histórico-dialético, como atividade posta pelas necessidades da sociedade contemporânea.

2. A atividade pedagógica

Os seres humanos têm necessidades diversas que surgem em diferentes estágios da vida. Algumas necessidades são de ordem natural, são



carências biológicas como os atos de comer e dormir. Outras são necessidades criadas pelo gênero humano, poderíamos dizer que são necessidades culturais como o ato de vestir-se, de alfabetizar-se, de comportar-se socialmente. Estas últimas possuem como características em comum e que as difere das primeiras o fato de que elas precisam ser aprendidas, e são aprendidas coletivamente.

Considerando que a atividade pedagógica “se constitui numa atividade coletiva e transformadora das relações sociais, que se origina das relações educacionais no contexto escolar” (Bernardes, 2012, p. 86), e que não responde a uma necessidade natural do ser humano, podemos incluí-la no segundo grupo, como uma necessidade cultural, uma atividade humanizada.

A atividade pedagógica se estrutura como qualquer atividade humana, em torno de uma necessidade, de um objeto, de ações e operações. Salustiano (2006) apresenta em seu texto o sentido que Leontiev (1988) atribui ao termo atividade: “Não chamamos todos os processos de atividade. Por este termo designamos apenas aqueles processos que, realizando as relações do homem com o mundo, satisfazem uma necessidade especial correspondente a ele” (p. 68).

Esta definição defendida por Leontiev nos faz pensar em dois aspectos: as necessidades culturais se dão coletivamente, como dito anteriormente, na relação do sujeito com os outros, transparecendo seu caráter social; e o fato de satisfazerem uma necessidade correspondente a esta relação sujeito/sociedade, ou seja, para que seja uma atividade ela precisa surgir de e responder a uma necessidade que nasce na sociedade. A atividade pedagógica é, então, uma atividade humana e humanizadora, mas que não deve ser confundida com tarefas escolares. “Assim, é preciso compreender o que caracteriza e diferencia as diversas atividades humanas entre si e o que define as ações e operações em cada atividade particular” (Salustiano, 2006, p. 7).

Uma característica que poderia especificar a atividade pedagógica seria a condição de transformação. A partir da internalização da atividade o ser humano “transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano” (Bernardes, 2012, p. 79), e nesse movimento a mudança está presente como aspecto próprio do processo. Portanto, para que seja uma atividade pedagógica ela precisa ser transformadora, no sentido de que a apropriação do conhecimento possibilita mudanças no psiquismo do sujeito que aprende porque possibilita que ele estabeleça novas relações com o mundo, ou seja,

eu aprendo e transformo minhas relações com a natureza e a sociedade.

No entanto, a transformação só poderá superar a espontaneidade das relações imediatas com ações pedagógicas sistematizadas que devem estar direcionadas para alcançar o objetivo de possibilitar o acesso ao conhecimento.

É necessário organizar, dirigir, orientar e controlar, por exemplo, a atividade dos aprendizes. A mediação exige ações direcionadas a levar os sujeitos a uma transformação no seu ser social, à formação que corresponda às necessidades de humanização postas pelos fundamentos teórico/filosóficos e científicos que deve orientar o processo educativo”. (Filho, 2015, p. 2)

Estas ações que sistematizam a atividade pedagógica referem-se às ações planejadas pelo professor que é o mediador (designado socialmente) do processo de ensino/aprendizagem. A organização desse processo é um ponto chave para que os alunos criem vínculos com a atividade que está sendo proposta. Nessa perspectiva, o papel do professor está em definir as ações que irão determinar: as condições materiais onde o conhecimento é mediado, as relações interpessoais que apresentam traços afetivos, e a forma como o conhecimento é refletido.

Portanto, é a partir de um intenso processo de interação com o meio social, através da mediação feita pelo outro, que se dá a apropriação dos objetos culturais. É através dessa mediação que o objeto de conhecimento ganha significado e sentido. Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas é que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. (TASSONI, 2000, p. 3)

É necessário que o professor tenha domínio de um conjunto de saberes que permitam que ele organize a atividade pedagógica de acordo com as individualidades (sentido) de cada aluno e as necessidades postas socialmente (significação). Para que haja essa combinação de necessidades é necessário que tanto os alunos como o professor tenham consciência do lugar social que ocupam, que exista um sistema de comunicação necessário para o compartilhamento de experiências, de compreensão e entendimentos, e que haja produção de condições afetivo/emocionais.

Como aspecto principal da atividade pedagógica, para essa discussão, destacamos o papel do professor de mediador do processo de ensino/aprendizagem. A maneira como o professor sistematiza as atividades, planeja as ações, influencia no engajamento do aluno na atividade. O sentido e a significação são permeados pelos aspectos afetivos que serão

decisivos nas atitudes desempenhadas pelos alunos para a atividade pedagógica.

3. Afetividade e vinculação

Conhecer a relação que se estabelece entre o papel do professor e a criação de vínculo à atividade pedagógica é indispensável. Partimos do pressuposto de que a organização do ensino, por parte do professor, influencia na significação e no sentido que são produzidos durante a atividade.

Podemos definir o significado como os conceitos sociais, que são compartilhados. O sentido é pessoal, subjetivo, particular de cada indivíduo. Nesse sentido, os motivos que levam um sujeito a se vincular a uma atividade são, primeiramente, coletivos antes de serem individuais. O processo individual é baseado no conjunto de signos já existentes na cultura que resultam no processo de significação produtor de sentido pessoal.

Com isso é que podemos entender a vinculação de um sujeito à sua atividade. Esta pode ter variadas qualidades e motivações. Assim, o afetivo no processo de significação é decisivo na orientação psicológica e um sujeito dá às suas ações, aos seus interesses e à sua participação na atividade. (Filho, 2015, p. 5)

A motivação que desencadeia a vinculação entre sujeito e a atividade têm um aspecto subjetivo que não deve ser desconsiderado. Poderíamos pensar em um ciclo: os afetos influenciam a motivação, que por sua vez influencia no vínculo, que resultaria em um processo de ensino/aprendizagem exitoso. A esse respeito, Filho (2015), esclarece “é a partir desse movimento de afetação e sua significação que se formam os sentidos pessoais correlacionados com os sentidos sociais de orientação das ações expressas nos signos”. Percebemos que a atividade pedagógica é um processo que inclui significados (necessidades/motivações sociais) e sentidos (necessidades/motivações subjetivas) que envolvem afetos.

Essa interação entre sentido, significado, afetos e vinculação tem início (na atividade pedagógica) no grupo, quando o aluno interage ele inicia o processo de apropriação e transformação dos significados. Esses momentos de interação devem ser planejados tendo os objetivos já direcionados. Isso implica que ações do professor transformem o objeto de estudo e os significados já postos para os alunos. À medida que os significados são transformados, os sentidos pessoais podem adquirir uma nova direção. As ações devidamente planejadas, que concebem o aluno em ser humano transformador, permitirão a construção de significados que vinculem o aluno à atividade pedagógica. Gostaríamos de

chamar atenção também para as ações, as operações e suas finalidades, os meios e os instrumentos. A consciência para ser formada precisa desse conjunto, o aluno precisa compreender a atividade pedagógica de maneira completa, ou seja, como as finalidades correspondem ao objetivo final da atividade para que seja estabelecido sentido. Quando essa atividade não é compreendida em sua totalidade os elementos que compõem esse conjunto discordam entre si, levando o sujeito a atribuir sentidos arbitrários.

A significação aparece, assim, condicionada às ações e operações propostas pelo professor e, por isso, implica em movimento/mudança. A possibilidade de mudança dos significados permite que o aluno perca o interesse pela atividade.

Quando uma tarefa que se ajusta às possibilidades dos alunos lhes é apresentada como algo que permite preencher determinadas necessidades (de aprender, de saber, de influir, de mudar) e quando lhes é oferecida a oportunidade de envolver-se nela ativamente, estamos proporcionando as condições para que essa tarefa lhes interesse. (COOL et al., 2009, p. 51)

O interesse não é intrínseco, ele precisa ser criado e depois deve se cuidar para que ele não diminua ou desapareça. O que fomenta o interesse é a experiência de que se pode aprender. Uma imagem positiva de si influi de maneira construtiva na forma de enxergar o processo de ensino-aprendizagem, assim como uma imagem negativa de si acarreta em uma imagem negativa do processo. Desse modo, é de suma importância que o aluno experimente o êxito em atividades propostas pelo professor.

Ainda sobre a importância da prática do professor, Charlot (2000) em seu livro intitulado *Da relação com o saber*, traz uma grande contribuição quando defende a ideia de que não pode haver saber em si. Para que haja saber é preciso um sujeito engajado que estabelece uma relação com o saber.

Não há saber que não esteja inscrito em relações de saber. O saber é construído em uma história coletiva que é da mente humana e das atividades do homem e está submetido a processos coletivos de validação, capitalização e transmissão. (Charlot, 2000, p. 63)

Poderíamos dizer que a existência do saber está apoiada em um tripé: o saber existe para um sujeito, está organizado de acordo com relações internas e é produzido em uma confrontação interpessoal. O saber é uma relação! Relação que é marcada pelo momento, pelo local e pelas pessoas. Alguns locais são mais adequados que outros para que seja ensinado e aprendido certos saberes específicos. Esse processo de ensino/aprendizagem acontece em algum momento da minha história particular e da história da humanidade. E, por fim, as crianças mantêm contato com outras pessoas, sejam elas



professores, alunos, pais, etc. “Estão em jogo também relações com os outros e relações consigo próprio: quem sou eu, para os outros e para mim mesmo, eu, que sou capaz de aprender isso, ou que não o consigo?”. (Charlot, 2000, p. 68)

Fica claro que existe uma relação identitária na relação com o saber, mas também relações de afeto. Não existe relação que não seja constituída de afeto. A relação de saber é relação com o outro que me ajuda ou não a aprender, que eu posso ou não gostar. Uma aula interessante, que possibilitaria a construção de vínculos, seria aquela em que se estabelece uma relação com o mundo, uma relação consigo mesmo e uma relação com o outro.

O que podemos constatar é que parte da desvinculação dos alunos à atividade pedagógica é ocasionada por situações de ensino que não favorecem o movimento do pensamento e ainda, criam vínculos negativos. Essas respostas desfavoráveis se explicam pelo fato de que a significação sem a formação do sentido e sem a visão completa da estrutura da atividade acarreta uma fragmentação dos sentidos sociais e subjetivos.

Conclusão

Muitas crianças frequentam a escola por diversos fatores (algumas para receber benefícios sociais, outras para que os pais não sejam notificados pelo conselho tutelar, e assim por diante), mas frequentemente não por seu motivo essencial, que é a construção do conhecimento. Portanto, promover a vinculação do aluno à atividade pedagógica é cada vez mais necessário. Ajudar o aluno a estabelecer essa conexão entre objetivos pessoais e sociais não é uma tarefa simples, mas é uma tarefa possível e que cabe ao professor. Alguns aspectos devem ser considerados para que esse processo atinja seu objetivo. Primeiramente, é necessário que o aluno saiba qual é a finalidade pretendida com a atividade e que entenda que a finalidade da escola é a produção de conhecimento; com quais outras coisas ela pode relacionar-se e em que projeto geral pode ser inserido. Relacionando com a prática poderíamos pensar na atividade proposta por Salustiano (2006), a finalidade da atividade proposta por ele era a produção de jornais escolares; aprendendo a estrutura do jornal, por exemplo, as crianças poderiam encontrar semelhanças e diferenças com as estruturas de outros textos, ou ainda, na construção de outro gênero textual saberiam previamente que teriam que obedecer a alguma estrutura; e por fim, o projeto geral fica bastante explícito já que a leitura de jornais impressos é uma prática social da nossa cultura.

Referências



BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. **Mediações simbólicas na atividade pedagógica: contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino e a aprendizagem.** 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2012.

COOL, César. [et al.] **Construtivismo na sala de aula.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2009.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FILHO, Armando Marino. **O significado como fundamento da motivação para a atividade de estudo.** Florianópolis, SC: 37 Reunião Nacional da ANPEd, 2015.

PINTO, Fausto Eduardo Menon. **As muitas faces da afetividade: um breve debate sobre o funcionamento psicológico do ser humano.** Barbarói. Santa Cruz do Sul, 2008.

SALUSTIANO, Dorivaldo Alves. **Nas entrelinhas da notícia: jornal escolar como mediador do ensino da língua materna.** 2006. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.** Universidade Estadual de Campinas, 2000.